

AVENTURA NO MAR

Velejadores e remadores, liderados por atleta niteroiense, partem no fim do mês em expedição pelo Oceano Atlântico em canoa havaiana. P.3



Eles integram a quarta edição da Expedição Anamaú que promete ser uma das maiores navegações do Brasil

Niterói & região

Nascida em São Gonçalo, miss Trans Brasil disputará título mundial na Tailândia

Eloá Rodrigues, 27 anos, é modelo, estudante de Ciências Sociais na UFF e ativista dos movimentos negro e LGBTQI+

IRMA LASMAR
redacao@odia.com.br

Curtindo ainda a vitória no concurso nacional que lhe deu o título de Miss Beleza Trans Brasil 2020, Eloá Rodrigues se prepara agora para disputar o Miss International Queen em 2021, na Tailândia. A modelo de 27 anos, que é do Jardim Catarina, não se destaca apenas pela beleza estética, mas por um conjunto de qualidades que fazem dela uma personalidade forte no cenário social do eixo São Gonçalo-Niterói. Estudante de Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense (UFF), ela é presidente do Conselho Municipal LGBTQI+ de Niterói e ativista pelos direitos da população negra. “Luto pela equidade entre as pessoas através da oportunidade para aquelas que, assim como eu, estão à margem da sociedade, tentando ocupar espaços não pensados para alguém como nós”, diz.

Criada pela avó até os dez anos, quando esta faleceu, morou um curto tempo com o pai e a mãe, mas por afinidade ficou com a tia até os 23. “Ela era minha confidente e amiga. Passamos por muitos momentos importantes e decisivos

juntas, como a minha transição de gênero. Tive uma infância e uma adolescência felizes, apesar de as pessoas reforçarem o tempo todo que eu era diferente dos outros meninos. Eu sabia desde o início que era trans, apesar de não conhecer ainda o nome disso, porque naquela época não existia ainda essa categoria social. Não me sentia completa me declarando apenas gay, porque faltava mais alguma coisa. Passei por todo esse processo junto da minha tia e das filhas dela, minhas primas, criadas como irmãs, que sempre me respeitaram”, relembra.

Foi aos 21 que Eloá conseguiu se autodefinir e se posicionar para a família, que a apoiou. Dois anos depois, mudou-se para Niterói, onde conheceu o Prepara Nem, um pré-vestibular formado por pessoas trans em busca de inserção social. O Prepara Nem começou como um projeto de pré-vestibular social, auto-organizado e autogestionado, mas se desenvolveu em uma rede de pessoas T para além do Enem, que conta com apoio de voluntários. Sua base é feita por e para travestis, transgêneros, transexuais e LGBTIA em situação de vulnerabilidade social e preconceito.



FOTOS DIVULGAÇÃO

Elóá ainda está curtindo a vitória do título nacional, que vai carimbar seu passaporte para a Tailândia

A carreira de modelo de Eloá começou em 2016, com a participação em desfiles. Em 2019, concorreu a miss trans na primeira edição nacional do evento, figurando entre as dez primeiras. “Muita gente acreditou em mim, porém eu não estava totalmente preparada, então fiz os ajustes necessários com o apoio de uma equipe superdedicada. Este ano, o júri percebeu em mim o potencial para fazer a diferença e vou honrar isso. Beleza é fundamental, mas não é tudo num concurso de miss. Represento dois segmentos, o LGBTQI+ e o povo negro, então esse título é importante em dobro, e não apenas uma realização pessoal”, exclama ela, que saiu com a vitória no dia 24/10, em São Paulo.

Mas as manifestações de preconceito mostram o longo caminho de construção de respeito e de obediência às leis. “A transição nunca para, não tem um fim. Pessoas, de modo geral, estão em constante transição, principalmente quando se trata de gênero. Nunca sofri diretamente um racismo explícito até minha coroação, quando recebi reações escancaradas, muito por conta da forma como eu me comunico e me porto. Os olhares e as piadinhas sempre foram subliminares, apontando que certos lugares não são para mim, mas nunca haviam me atacado por eu ser negra, até o momento em que ganhei esse título. Prefiro não ler os comentários, mas minha equipe copiou e irá tomar as medidas cabíveis.”

Ralff Abreu sofre lesão e não disputa torneios em Porto Alegre e Brusque

Ex-top 10 mundial, jogador niteroiense sentiu dores no joelho esquerdo e ficará 15 dias de molho

LUCIANA GUIMARÃES
redacao@odia.com.br

Ralff Abreu, niteroiense, ex-top 10 mundial, atleta patrocinado pela Dropshot e com apoios da Secretaria de Esportes e Lazer de Niterói, Clínica de Vacinação Prophylaxis e Spider Undergrip, não irá disputar os torneios ITF Mundial de Porto Alegre (RS) e os eventos nacionais em Brusque (SC), competições que seriam disputadas a partir desta sexta-feira, na capital gaúcha, e na semana que vem em Santa Catarina.

Ralff Abreu, vice-campeão Mundial com a Seleção Brasileira em 2017 e campeão Pan-Americano em 2016, em Aruba, no Caribe, vinha sentindo dores no joelho esquerdo nos últimos dias e não conseguiu se recuperar.

“Não tive condições de recuperar a tempo. Estou com lesão no ligamento colateral esquerdo e precisarei ficar quinze dias parado. Uma pena, vinha treinando bem e animado para essas competições”, disse o jogador que, no começo de novembro, formou parte de treinamento com a Seleção Brasileira em Uberlândia (MG).

O atleta, atual 31 do mundo, espera se recuperar para retomar os treinamentos até o começo do próximo ano e aguarda definição de calendário para voltar a competir



Ralff Abreu, atual 31 do mundo, espera se recuperar para retomar os treinamentos até o começo do ano e aguarda definição de calendário para voltar a competir

no início de 2021.

QUEM É RALFF?

Nascido em Niterói, em fevereiro de 1983, o atleta foi tenista e começou no Beach Tennis em 2011. Tem 14 títulos nível mundial ITF na carreira.

Em 2017, ao lado de Diogo Carneiro, teve seu melhor

ano alcançando o top 10 do ranking mundial. Foi campeão do ITF de João Pessoa (PB), Maceió (AL), Balneário Camboriú (SC), São Miguel do Gostoso (RN), foi vice-campeão em Guadalupe, Niterói (RJ), vice-campeão Mundial pela Seleção Brasileira por Equipes na Rússia,

semifinalista do Mundial de Duplas em Cervia, na Itália. Em 2016 foi campeão Pan-Americano em Aruba e em 2017 venceu a Nations Cup, a Copa das Nações, contra a Itália, no mesmo país.

Em 2019 foi vice-campeão no ITF de Brusque (SC) e campeão no ITF de Niterói (RJ).



Espaço receberá livros arrecadados no Festival Literário da cidade

Creche Comunitária em SG ganha Sala de Leitura com dois mil livros

Espaço recebeu o nome de Sérgio Buarque de Holanda e fica na Creche Comunitária Mães Trabalhadoras de Ipiíba

IRMA LASMAR
redacao@odia.com.br

Será inaugurada, no próximo dia 12, às 14h, a Sala de Leitura Sérgio Buarque de Holanda, dentro da Creche Comunitária Mães Trabalhadoras de Ipiíba. Aberto à comunidade, o espaço — sonho antigo da presidente da creche, Almira Nunes Gonçalves — é organizado pelo Favelivro, idealizado por Demézio Batista, cujo foco é capacitar os moradores das favelas e periferias. O projeto se concretizou em parceria com a arte-educadora Verônica Marçílio e com a Flisgoteca, um produto do Festival Literário de São Gonçalo (Flisgo), criado pelo produtor cultural Alberto Rodrigues.

Já foram doados mais de dois mil exemplares

para a Sala de Leitura, incluindo algumas obras doadas pela Biblioteca Mundo da Lua, localizada no Morro dos Tabajaras, em Copacabana. Além disso, a Flisgoteca doará para o espaço todos os livros arrecadados em seu último festival, realizado no mês passado. Sérgio Buarque de Holanda, que dá nome à nova biblioteca, foi um historiador, sociólogo, jornalista, escritor e crítico literário, além de um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores. É o pai do cantor, compositor e escritor Chico Buarque e da ex-ministra Ana de Holanda, que ficaram honradíssimos com a bela homenagem.

A Creche Comunitária Mães Trabalhadoras de Ipiíba fica na Avenida Neuza Maria da Silva, lote 21, quadra 4. Mais informações: 98366-8117 (Verônica).

Niterói & região

FOTOS DIVULGAÇÃO

Niteroiense lidera equipe de canoa havaiana em expedição pelo Oceano Atlântico



LUCIANA GUIMARÃES
redacao@odia.com.br

Liderados pelo niteroiense Douglas Moura, experiente remador de 39 anos, e pelo capixaba Ranin Thomé, seis atletas remadores e velejadores partem numa canoa havaiana V6 adaptada com vela, para mais um desafio no Oceano Atlântico e pela costa do Brasil.

Eles integram a quarta edição da Expedição Anamaúê que promete ser uma das maiores navegações do Brasil neste tipo de barco. Os velejadores e remadores vão partir no dia de Natal ou no dia 26, de Arraial D' Ajuda, no sul da Bahia, na base da Canoa Para o Povo, a CPP, com direção ao sul, com objetivo de ficarem entre 20 e 25 dias de navegação até Niterói (RJ), com chegada prevista para a praia de Jurujuba na sede do Centro de Estudos do Mar — CEM onde está sendo feito todo o planejamento logístico da travessia. Caso consigam atingir o desafio, seriam cerca de 650 milhas náuticas cumpridas.

A tripulação planeja velejar cerca de 30 até 35 milhas náuticas por dia. A depender do vento e condições do mar, poderia levar cerca de quatro até seis horas por dia de navegação sem o auxílio de aparelhos eletrônicos ou GPS. Eles levarão alimentação e seus respectivos colchões de dormir na canoa havaiana e irão dormir em bases ao longo do sul da Bahia, Espírito Santo e o estado do Rio de Janeiro. Quando necessário, vão se alimentar no mar.

Douglas e o parceiro Tavo Calfat são de Niterói, enquanto que Daniel Gnone é do Rio de Janeiro. Ranin Thomé e Dyana Gualberto são de Regência (ES), mas têm base em Vitória (ES), assim como Bárbara Guimarães que nasceu em Santo André (SP), mas se radicou na capital capixaba.

Não é a primeira vez que Douglas comanda a Expedição Anamaúê. No fim de 2017 e começo de 2018, ele e a tripulação ficaram perto de dez dias navegando, saindo de Niterói (RJ) com chegada em Santos (SP) de canoa havaiana. Nos anos seguintes, a Anamaúê realizou expedições de Santos (SP) para Ubatuba (SP) e de Ubatuba (SP) para a volta na Ilhabela (SP) e São Sebastião (SP).

“Ano passado, me aproximei do Ranin Thomé e levantamos a possibilidade de fazer uma expedição juntos. Estreitamos a amizade durante a quarentena e decidimos fazer a travessia. A primeira dúvida seria para onde. Inicialmente, seria de Vitória (ES) até Niterói (RJ). Ele tem base em Vitória (ES). Só que aí chegamos a conclusão que seria melhor velejar. Se não formos remando queríamos um local ainda mais distante, maior já fiz. Então, pensamos onde tínhamos base, é Arraial D' Ajuda. Pensamos que é uma loucura, mas vamos encarar essa loucura juntos. Começamos a planejar e, quando foi outubro, batemos o martelo. Chamei o Tavo Calfat que é o camarão do CEM e divide o espaço comigo, entende mais de vela. Daniel Gnone é o nosso mascote, mole mais jovem da expedição e chegou para somar. O Ranin escolheu a Bárbara que é instrutora dele e a namorada dele, a Daiana, que tem todo esse currículo. Iremos velejando em nossa canoa havaiana adaptada, mas quando preciso também remaremos”, disse Douglas Moura.

“Nosso sonho, nosso marco, é chegar em Ju-

rujuba, em Niterói, esperamos chegar. O bacana é navegar durante 20, 25 dias deixando o vento levar, um sentido filosófico e de aprendizado que só o mar proporciona a todos nós.”

TRIPULAÇÃO

Douglas Moura, natural de Niterói (RJ), mora em Jurujuba, tem 39 anos, fundador do Icarahy Canoa Clube, Niihau Aventuras Controladas e do Centro de Estudos do Mar. Capitão Amador, co-fundador do Anamaúê e desbravador de diversas rotas de navegação de canoa havaiana e polinésia. Ele é atleta de Canoa Havaiana desde 2005. Em competição disputou provas como a Rio VAA, Santo Amaro, Vendee VAA (maior da Europa e 2ª maior do mundo, na França), Vancouver Island Challenge (Canadá); Lotus VAA Challenge.

Ranin Thomé, de 31 anos, natural de Regência (ES), é oceanógrafo, instrutor e atleta de VAA, do clube CPP Extreme. Apaixonado por canoa polinésia e com experiência em velejadas, construção de canoas e longas travessias.

Dayana Gualberto, de 33 anos, reside em Regência (ES). Professora e instrutora de VAA do CPP Extreme. Idealizadora do projeto social Cablocos para o Planeta, experiências em travessias de vela oceânica e canoa polinésia.

Tavo Calfat, natural de Niterói (RJ), de 47 anos, desenhista industrial, velejador desde os sete anos e remador de canoa desde os 2007. Passou boa parte da vida em barcos à vela, já realizou travessias oceânicas e inúmeras travessias menores. Na canoa tem títulos na Volta de Ilhabela (SP) e Rei de Búzios (RJ) onde mora hoje em dia.

Daniel Gomez Gnone, de 25 anos, natural do Rio de Janeiro. Engenheiro de Produção. Fundador do Granolas Mauka e remador do Calango Wa'A. Amante da natureza e do VAA, tendo sido criado em contato com o mar, desenvolve projetos de reciclagem de plástico para a produção de peças para navegação.

Barbara Guimarães, de 29 anos, nasceu em Santo André (SP), se radicou em Vitória (ES), é oceanógrafa, instrutora e atleta de VAA, do clube CPP Extreme. Apaixonada por canoa havaiana e com experiência de longas travessias.

A MODALIDADE

Canoa Havaiana, ou Polinésia, são nomes para determinar o esporte que surgiu na região polinésia e que originalmente é conhecido como VAA, WAA ou Waka. A cultura da canoa existe há mais de 3 mil anos e elas foram inicialmente usadas pelos povos polinésios com a necessidade de colonizar novas terras na região polinésia, conjunto de ilhas do Pacífico que incluem Tahiti, Havaí.

Os povos polinésios usavam canoas como meio de transporte entre as ilhas e cada povoado construía suas canoas com características locais. No Havaí, que possui mar agitado, as canoas possuem curvatura de fundo envergada, e no Tahiti, as canoas possuem formato mais alongado e cockpit fechado.

No Brasil a cultura da prática do esporte da canoa havaiana ou polinésia só aumenta no decorrer dos anos para travessias, expedições e competições com destaques para clubes de canoas no litoral do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo. Somente em Niterói (RJ) são 33 clubes de canoa com cerca de dois mil remadores. No Espírito Santo são 21 clubes, cerca de 1.500 remadores.



Velejadores e remadores partem no dia de Natal ou dia 26 em expedição sem instrumentos eletrônicos, usando apenas carta náutica e bússola.



Eles integram a quarta edição da Expedição Anamaúê que promete ser uma das maiores navegações do Brasil neste tipo de barco